

“A HISTÓRIA QUE NÃO SE CONTA”: NARRATIVAS DA TRAJETÓRIA FUTEBOLÍSTICA DE ATLETAS DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Luis Fellipe Arruda Rodrigues Paiva¹ Everton de Albuquerque Cavalcanti^{1*}

Resumo: A busca pela carreira de jogador de futebol profissional se inicia precocemente. A relação entre oferta e demanda nesse meio tornam o mercado competitivo, no qual poucos conseguem alcançar mobilidade socioeconômica. Pensando nos percalços da trajetória de futebolistas, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as dificuldades da carreira de jogadores de futebol profissionais nascidos em Mato Grosso do Sul. Através das singularidades da carreira de cada entrevistado, buscou-se entender a estrutura desse meio, retratando as experiências de atletas que nem sempre conseguem chegar aos grandes clubes do futebol brasileiro. A história oral, metodologia utilizada, permitiu-nos ter uma maior aproximação com os participantes da pesquisa a fim de compreender o desenvolvimento profissional por meio da memória, fazendo-nos entender o futebol para além do que é visto nos grandes centros. Sendo assim, as narrativas apresentaram uma série de dificuldades no que diz respeito às questões de salário, calendário e contrato, bem como trataram das deficiências no processo de formação de atletas.

Palavras-chave: futebol; profissional; carreira; memória

Afiliação

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus do Pantanal

* Autor correspondente: everton.cavalcanti@ufms.br Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus do Pantanal. Av. Rio Branco, 1270. Universitário – Corumbá-MS, CEP: 79304-020.

“THE STORY THAT CANNOT BE TOLD”: NARRATIVES OF THE SOCCER TRAJECTORY OF ATHLETES FROM THE STATE OF MATO GROSSO DO SUL

Abstract: The search for a career as a professional football player starts early. The relationship between supply and demand in this environment makes the market competitive, in which few are able to achieve socioeconomic mobility. Thinking about the difficulties in the trajectory of footballers, this research aims to analyze the difficulties in the career of professional football players born in Mato Grosso do Sul. Through the singularities of the career of each interviewee, we sought to understand the structure of this medium, portraying the experiences of athletes who are not always able to reach the big clubs in Brazilian football. Oral history, the methodology used, allowed us to have a closer relationship with the research participants in order to understand professional development through memory, making us understand football beyond what is seen in large cities. Thus, the narratives presented a series of difficulties with regard to issues of salary, calendar and contract, as well as dealing with deficiencies in the process of training athletes.

Key words: football; professional; career; memory

Introdução

O futebol é historicamente reconhecido como elemento da cultura brasileira, envolvendo o interesse de diversos setores da sociedade, tais como o político, o econômico e o comercial. Com a espetacularização da modalidade, ampliou-se o número de jovens que buscam ascensão social e financeira por meio da carreira de jogador profissional^{1,2,3,4}.

A partir da Copa do Mundo de 1970, o futebol profissional se desenvolveu a partir do processo de espetacularização da modalidade, que ocorreu por influência da atuação crescente dos meios de comunicação e de estratégias de marketing, fortalecendo o consumismo, que gerou maior valor econômico ao esporte e tornou a carreira de jogador mais atraente para aqueles que buscam ascender financeira e socialmente⁵. Portanto, a disputa por espaço nesse meio é competitiva, e, ao contrário de atletas consagrados que se referem à sua trajetória de sucesso como algo advindo de um dom, a maioria dos jogadores têm suas dificuldades ofuscadas por trás da profissionalização^{6,7}.

Assim, compreender o fenômeno do futebol se faz relevante na medida de sua influência na sociedade brasileira, além de promover uma discussão que poderá propiciar benefícios no processo de formação e profissionalização, já que essa é a meta de muitos jovens. Dessa forma, apresenta-se o problema de pesquisa por meio da seguinte questão: quais as dificuldades e perspectivas da carreira de jogadores de futebol nascidos em Mato Grosso do Sul? Esse questionamento remete à estrutura do futebol em sua perspectiva ampla, porém, leva em consideração as particularidades que a subjetividade de cada história proporciona para o entendimento de questões microsociais relacionadas às especificidades da prática esportiva profissional em Mato Grosso do Sul.

Como objetivo geral, pretende-se analisar as dificuldades da carreira de jogadores de futebol profissionais nascidos em Mato Grosso do Sul. Como objetivos específicos, propõe-se debater acerca da realidade do jogador sul-mato-grossense quanto à formação nas categorias de base, bem como refletir sobre os problemas referentes a salário, contrato e calendário na trajetória como atleta profissional.

Metodologia

Pautou-se metodologicamente pela história oral, que trata da recuperação, compreensão e reinterpretação de fatos relacionados ao objeto de estudo. Desenvolvida por meio de entrevistas, são fontes construídas a partir da memória de quem viveu em determinado contexto, permitindo acessar informações que seriam encobertas ou esquecidas com o tempo. Dessa maneira, a relação humana estabelecida entre entrevistador e entrevistado é o que direciona a interlocução e possibilita ir além da recepção do conteúdo, compreendendo a representatividade da narrativa por meio das expressões^{8,9}.

A entrevista de história oral retrata a experiência de um sujeito em sua individualidade. Cada

interlocução é carregada de particularidades que a tornam especial, visto que os relatos são repletos de ingredientes pessoais que tornam a narrativa única¹⁰. Desse modo, o estudo da memória através da oralidade permite observar a carreira do jogador de futebol de forma singular, levando em consideração as especificidades da narrativa de quem viveu tais experiências, bem como as generalidades de diferentes histórias que no cruzamento de informações permite compreender a estrutura esportiva como um todo¹¹.

Ao retratar um futebol invisibilizado pela mídia, expõe-se a realidade da maioria dos atletas profissionais, haja vista mais de 90% sobreviver no esporte em questões precárias¹². A História Oral é uma metodologia que viabiliza alcançar atores esquecidos no submundo esportivo, revelando suas histórias e discutindo questões pertinentes para o entendimento histórico-social do esporte de maneira ampla.

Dessa forma, prepararam-se roteiros semiestruturados, baseados em dados coletados de pesquisas prévias da carreira dos entrevistados, acrescentando novas perguntas conforme o desenvolvimento da entrevista.

A coleta de dados ocorreu entre maio e julho de 2021. Foram realizadas cinco entrevistas, sendo três com atletas profissionais e duas com ex-atletas profissionais, sendo todos do sexo masculino com idades entre 21 e 38 anos, que tiveram suas identidades preservadas em virtude da abordagem de temas polêmicos. Todos os atletas fizeram carreira no estado de Mato Grosso do Sul, nenhum jogou a nível nacional¹ e três jogaram internacionalmente em ligas menores².

As interlocuções foram realizadas de forma remota por meio do Google Meet e de acordo com a disponibilidade dos participantes, sendo que cada entrevista teve duração entre uma e duas horas. Os sujeitos foram selecionados a partir da indicação de possíveis entrevistados, bem como por meio da indicação posterior dos próprios participantes da pesquisa. Fatores como a demanda de tempo para transcrição, bem como a análise do material coletado foram critérios para a definição do número de entrevistados.

Dentre as questões que foram base para elaboração dos roteiros de entrevista – já que houve questões específicas para cada entrevistado levando em consideração a pesquisa prévia que se realizou sobre suas carreiras – elenca-se algumas a seguir: 1. Disserte sobre sua história no futebol. 2. Como foi sua formação nas categorias de base? 3. Você ficou algum período sem clube? Como foi? 4. Disserte sobre as condições de trabalho nos clubes em que atuou. 5. Aborde sobre sua relação com empresários e treinadores.

Por fim, salienta-se que este trabalho seguiu os preceitos éticos de pesquisas com seres humanos, considerando as Resoluções nº 466 de 2012 e nº 510 de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, que

1 Refere-se à Série A e B do Campeonato Brasileiro, em que se fazem presentes os clubes com maior tradição e poder econômico do país.

2 Terceira Liga de Portugal, em que jogam dois dos entrevistados, e terceira divisão do Qatar, na qual jogou um dos sujeitos.

abordam acerca das particularidades éticas em estudos na área das Ciências Humanas e Sociais. Além disso, este artigo faz parte do projeto de pesquisa “Teorias acerca da compreensão sociocultural do esporte”, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CAAE: 21526919.0.0000.0021.

Categoria de base e o processo de profissionalização

Na maioria das vezes, a trajetória até a profissionalização no futebol se inicia cedo. Em alguns casos, por volta de 12 anos de idade, as crianças já são submetidas a uma carga de treinamento exaustiva. Apesar do tempo investido na preparação, esses indivíduos deparam-se com um mercado competitivo e restritivo no que se refere aos atletas que atuarão profissionalmente nos clubes de maior expressão³ e serão valorizados economicamente^{13,3,14,15,16}.

Damo⁵ subdivide a carreira do jogador de futebol em cinco ciclos. Um deles retrata a formação de base iniciada por volta de 10 anos de idade, e outro que trata do período de atuação, que se refere ao início da carreira profissional do atleta, por volta dos 17 anos. Com relação a isso, o jogador 1 descreve em sua narrativa um começo que se assimila a esse padrão:

Comecei muito novo. Desde 5, 6 anos de idade na escolinha, sempre com aquele sonho de ser jogador profissional. Graças a Deus consegui realizar esse sonho. A gente sabe que no estado que a gente vive tem pouca estrutura, pouca visibilidade, pouco investimento, aí tive que sair cedo para Cuiabá, com 15 anos fazer um teste. Na época, era o professor Luciano, que me indicou, aí fiquei lá um período de teste, teve uma documentação de ficar ou não ficar, acabou não dando certo. Aí rodei, fui parar no Friburguense, lá joguei o juvenil e o primeiro ano de juniores. Em seguida, eu voltei para Corumbá, aí na época dei sorte que o Corumbaense estava voltando, tinha voltado em 2005 no profissional, aí eu voltei no final de 2005, e em 2006 me apresentei no Corumbaense. Naquela época tinha 17 para 18 anos, profissionalizei no Corumbaense, aí, de lá para cá não parei¹⁷.

Com base em Bruner¹⁸, percebe-se que o jogador 1 retrata sua trajetória com detalhes, característico de memórias que marcaram sua carreira. Demonstra ainda seu esforço para alcançar um espaço no futebol profissional, visto que saiu de sua cidade aos 15 anos, com início precoce em um mercado competitivo, como retrata Soares *et al*¹³ e Almeida Neto e Santos¹⁹.

Além disso, essa trajetória relativamente longa com um processo de captação, seleção e períodos de treinamento e competição é norteadada por momentos de transição, que trata da autocompreensão dos jovens quanto a sua condição de superar as dificuldades inerentes a cada estágio de desenvolvimento de sua formação como atleta³.

Logo, tornar-se atleta profissional requer dedicação, superação e qualidade técnica, e, mesmo assim, nem todos alcançam o profissionalismo. Dessa maneira, é necessário compreender cada fator

3 Clubes que figuram nas Séries A e B do campeonato nacional.

envolvido no processo de formação, principalmente em relação às dificuldades encontradas nesse caminho²⁰. Tais obstáculos são perceptíveis na fala do jogador 2 com relação ao seu início no futebol:

Então, acho que dali mesmo que eu tive certeza: “Oh, eu quero isso para minha vida, eu vou me esforçar mais, vou me dedicar mais”. E, então, dali eu comecei a focar na minha carreira, e foi então que tive a oportunidade de sair, mas a saudade batia e eu voltava para casa, que, querendo ou não, para uma pessoa que tem 16, 17 anos, nunca saiu de casa, nunca viajou sozinho, parece que não é complicado, muitas pessoas acham que não é complicado, que futebol é tranquilo, é só jogar futebol, mas ninguém vê o sofrimento do dia a dia, ficar longe da família, ficar longe do pai, da mãe, ninguém vê as noites que você chora sozinho²¹.

Percebe-se que a dificuldade na profissionalização vai além da competitividade do mercado, passando também por fatores emocionais, principalmente quando se trata de adolescentes em busca de um sonho. Como abordam Marques²² e Burlot, e Richard e Joncheray²³, os atletas enfrentam longos processos seletivos e períodos de treinamento que acarretam uma série de dificuldades, dentre elas, a separação da família e dos amigos, fatores que ficam evidentes na narrativa do jogador 2.

Assim, concorda-se com Bara Filho²⁴, com o fato de que a distância de casa pode colaborar para a instabilidade emocional e social de jovens jogadores de futebol, contribuindo para o abandono da trajetória esportiva. É o que se percebe na narrativa do jogador 2 e em pesquisa realizada por Amaral, Thiengo e Oliveira²⁵, que constataram que a distância da família foi fator preponderante para que alguns atletas desistissem da carreira futebolística.

Em média, os aspirantes a jogador profissional deixam a família com 13 anos de idade, fato a ser ressaltado no processo de formação, já que esses jovens acabam não recebendo o mesmo apoio familiar como quando estavam fisicamente próximos. Ao deixarem suas casas, esses indivíduos passam a viver em uma lógica organizacional diferente, assumindo novas responsabilidades e realizando tarefas cotidianas sem auxílio^{22,26}.

Dentre outros fatores que dificultam a formação do atleta, é importante destacar também a falta de estrutura, que, por vezes, atrapalha no desenvolvimento dos jovens¹⁵. De acordo com Damo⁵, muitas vezes a estrutura dos centros de formação não são adequadas para o desenvolvimento dos atletas, e, ainda assim, aqueles que inicialmente obtêm êxito em conquistar uma vaga nesse mercado competitivo, correm o risco de serem dispensados futuramente. Acerca desses aspectos, o jogador 3 relatou:

Lá no Resende, a estrutura não era tão boa, o time era pequeno e não tinha estrutura boa que tem time da Série B, da Série A. Aí eu tinha que me virar, tinha que tirar dinheiro do meu bolso para poder pegar ônibus, tinha que acordar às 7 horas, chegar no treino às 8 e depois voltar para minha casa e ainda fazer almoço. O clube não me dava nada, quem ajudava era minha mãe, minha avó, que mandavam dinheiro para mim, para poder pegar o ônibus, até mesmo o pai do meu amigo que me ajudava, com os alimentos para o almoço e janta, até o vale-transporte também ele dava uma ajudinha para mim. O time era pequeno, não tinha chegado nos campeonatos de expressão, na verdade nunca tinha chegado numa final, e no sub-20 graças a Deus podemos chegar, não tive a sorte de ser campeão, mas foi uma experiência incrível²⁷.

A narrativa reflete as dificuldades, principalmente quanto à falta de estrutura, que, segundo

Howiea e Allison²⁸, é fundamental para a formação de futebolistas. Acrescenta-se a isso, a observação de Marques²² de que grande parte das famílias desses jovens atletas possuem baixo poder aquisitivo, o que dificulta o apoio financeiro necessário em casos em que o clube não oferece auxílio.

A dificuldade com deslocamento para o treinamento, que como citado, é um dos fatores de abandono do esporte²⁴, foi outro problema relatado pelo entrevistado, demonstrando que a busca pela carreira de jogador profissional não se reduz às questões técnicas, visto que, em um universo de concorrência elevada, muitos desistem do sonho por questões extracampo.

Nessa celeuma, a falta de perspectiva é um dos fatores que levam à desistência da carreira de jogador profissional, sendo que esse cenário passa pela falta de estrutura – instalações e recursos humanos – dos clubes e investimento nos atletas – moradia, alimentação, material para treinamento – como expõe o jogador 3 em sua narrativa^{28,25,29,30}.

Em contrapartida, alguns aspirantes a profissionais são privilegiados em relação às oportunidades, já que têm entrada facilitada em clubes devido à posição que ocupam no jogo social³¹. É o caso do jogador 4, que, em sua narrativa, relata que seu pai é ex-jogador do Sport Club Internacional e do Sport Club Corinthians Paulista, o que, de certa forma, ajudou em sua inserção nas categorias de base de clubes renomados como o próprio Internacional e o Corinthians, além do Santos Futebol Clube e do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

Assim, a partir de Esson³², compreende-se que, embora o desejo de mobilidade social seja facilitado pelas possibilidades que se abrem a esses atletas privilegiados, a maioria acaba em uma trajetória esportiva descendente, sem alcançar a transformação socioeconômica almejada, como no caso do jogador 4. Dessa maneira, entende-se que outras situações, tais como a pressão por ser filho de ex-jogador, a distância da família e as relações estabelecidas com dirigentes, empresários e treinadores, podem colaborar no insucesso da carreira de jovens.

Dentre os fatores citados acima, o relacionamento entre atletas, dirigentes e treinadores pode ser determinante para a continuidade da carreira. O meio do futebol é caracterizado por relações de poder, em que alguns têm maior capacidade simbólica do que outros para estabelecer as regras do jogo social. Aos que não se subordinam às imposições dessa relação, acabam preteridos ou necessitam diferenciar-se tecnicamente da maioria, a fim de estabelecer-se pelos seus próprios méritos⁸. Acerca das relações de poder, o jogador 4 relatou:

Hoje em dia está mais fácil, o cara arruma um negócio para você, você tem que dar uma porcentagem para o cara e fica mais fácil. Mas, naquela época, era muito difícil. Eu lembro que no Santos, quando eu saí de lá, o que era meu treinador, o Jorge, em pouco tempo depois ele foi mandado embora. Ele me subiu de categoria, para o juvenil, que era uma categoria a mais e ele trouxe uns 12 moleques do Vitória da Bahia e começou a colocar os meninos para jogar e começou a deixar a gente que já estava lá um tempão de lado. Aquilo me irritou, e ele foi pedir um dinheiro para o meu empresário, para poder estar me colocando para jogar e eu falei: “Ele está maluco, eu não tenho dinheiro nem para ajudar, vou tirar dinheiro dos meus pais, para ficar pagando. Eu não preciso disso”. Eu estava jogando por causa de futebol, não por

dinheiro de empresário, e foi o ano que eu saí e fui direto para o Grêmio³³.

É possível perceber o sentimento de indignação do atleta com a postura do treinador, que se utiliza da vulnerabilidade dos jogadores em seu benefício, o que culminou na saída do entrevistado do clube na época. A forma como retrata o fato mostra uma memória negativa marcante que se tornou um ponto de ruptura em sua trajetória³⁴.

A relação entre o dirigente e o atleta que está iniciando a carreira é de vulnerabilidade para o segundo, que se submete às imposições em busca de espaço nesse universo. Isso demonstra como o futebol pode ser um meio de estabelecer-se através das relações políticas, que vão além do mérito esportivo. Dentro das relações de poder instituídas, aquele que não aceita determinadas condições, acaba sendo preterido por quem aceita⁸.

Assim, com base em Claussen³⁵, compreende-se que, por vezes, a atuação profissional de treinadores passa dos limites éticos, principalmente no que diz respeito às exigências impostas a jogadores em fase de formação. Esses se aproveitam de sua posição no jogo social a fim de levar vantagem em detrimento do objetivo de vida de jovens que buscam espaço em clubes com estrutura e condições de projeção socioeconômica.

Profissionalização: salário, contrato e calendário

O tópico anterior retrata aspectos da realidade da formação de jogadores nas categorias de base. Porém, as dificuldades não findam com a profissionalização, haja vista o mercado do futebol profissional apresentar problemas semelhantes – como a estrutura e as relações interdependentes – e específicos como as questões de calendário, contrato e salário^{12,36}.

De acordo com o relatório “Impacto do futebol brasileiro” elaborado pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol), a média salarial dos jogadores que atuam no Centro-Oeste – região em que se localiza o Mato Grosso do Sul – é de 2,8 mil reais, enquanto nas regiões Sul e Sudeste chega a 15 mil reais. O documento que ainda registra os calendários esportivos, retrata que o Centro-Oeste tem jogos frequentes entre janeiro e abril, enquanto, no resto da temporada, o número de partidas é escasso³⁷.

Tal realidade é perceptível na narrativa dos jogadores 1¹⁷ e 5³⁸, que relatam ser poucos aqueles atletas que recebem salários vultuosos. No geral, a maioria recebe entre um e dois salários-mínimos, com calendário de quatro meses referentes ao campeonato estadual, sendo que, no restante do ano, precisam arrumar outra ocupação para sobreviver. O primeiro entrevistado ainda define a profissão como “corajosa”, já que além da dificuldade com salário, contrato e calendário, as péssimas condições de estrutura de trabalho – ele cita hospedagem e alimentação – acabam prejudicando ainda mais a continuidade na carreira.

Comum em parte das entrevistas, a continuidade, mesmo em meio às dificuldades, expõe o sonho da mobilidade social intrageração, o qual Agergaard e Sorensen³⁹ definem como a tentativa de

mudar para uma posição social mais elevada durante a carreira, mas que esbarra na realidade da maior parte dos jogadores profissionais brasileiros, os quais recebem salários considerados incompatíveis com o padrão ostentado por uma minoria.

González, Borges e Sfalcin⁴⁰ relatam que a complexidade das questões estruturais da carreira de jogador profissional pode se tornar um motivo de abandono da trajetória esportiva. Ao analisar a fala dos atletas, percebe-se que, para compensar as dificuldades vividas com calendários e salários, em alguns casos, há a necessidade de buscar empregos paralelos a fim de conseguir sobreviver, mantendo a esperança de, em algum momento, alcançar a transformação socioeconômica através do futebol.

De acordo com Soares *et al*¹³ e Souza, Oliveira e Marques¹⁶, uma minoria dos jogadores profissionais chega a atuar nas grandes equipes do país e, conseqüentemente, tem uma carreira estabilizada. Além da realidade salarial não representar a ascensão econômica que se busca através do futebol, expõe a profissão um caráter provisório e de subemprego. Nessa perspectiva, cerca de 80% dos jogadores profissionais recebem até dois salários-mínimos, gerando um cenário de instabilidade nesse meio^{41,42}. A respeito disso, o jogador 4 afirmou:

O futebol hoje em dia não é algo que a gente sobrevive mais não. É temporário. A gente consegue ser feliz durante quatro meses, vai receber para fazer o que gosta e depois tem que se virar. Eu, graças a Deus, tenho apoio da prefeitura, sou assessor de um vereador. É algo que me mantém, mas eu tenho muito amigo meu aí que fica parado, vai trabalhar no mercado, vai fazer alguma coisa para se manter. Ninguém consegue sobreviver no Mato Grosso do Sul de futebol, é impossível. Até porque o que os caras te oferecem, tipo no Estadual a gente consegue receber bem, consegue tirar uma grana boa, mas são dois clubes só que classificam para Série D. Aí chegou na Série D, o cara vai ganhar R\$ 500,00 por partida, se jogar quatro jogos no mês, vai ganhar R\$2.000,00 e olhe lá, isso se o clube pagar, pois tem clube que nem paga³³.

Como apresentado em outras narrativas, o atleta reforça a questão da instabilidade da carreira ao precisar buscar outros meios de subsistência. O discurso enfatiza o caráter de trabalho temporário, principalmente em regiões em que o futebol não é desenvolvido, como apresenta a CBF³¹ em seu relatório. Nesse ínterim, a similaridade das narrativas dos jogadores 1¹⁷, 4³³ e 5³⁸ ajudam a compreender o que Halbwachs⁴³ entende como memória coletiva, visto que mesmo em circunstâncias diferentes, os fatos apresentam experiências semelhantes.

Assim, concordamos com Cavalcanti¹² ao retratar a necessidade de reestruturação do futebol nacional no que diz respeito às divisões inferiores, utilizando como exemplo a organização do futebol italiano⁴, haja vista que o futebol, para os clubes de menor expressão no Brasil, resume-se ao campeonato estadual, tornando a falta de calendário um elemento desmotivador na atração de torcedores e investidores, bem como um limitador de contratos mais longos.

⁴ O sistema de liga do futebol italiano leva em consideração o fator geográfico. A primeira e segunda divisão contam com 20 clubes, a terceira divisão conta com três subdivisões com 20 clubes divididos em três grupos regionalizados. Ainda existe a Série D, considerada amadora, que conta com outras nove subdivisões, e, abaixo, ainda estão cinco níveis amadores.

Essa realidade do futebol sul-mato-grossense expõe a desvalorização dos atletas, favorecendo sua circulação em clubes do Brasil e do exterior. Com base em Silva, Rigo e Freitas⁴⁴ e Leoncini³⁶, compreende-se que os jogadores brasileiros imigram para segundas e terceiras ligas de países como os Emirados Árabes, China e Portugal, principalmente em busca de melhores contratos e salários.

A essa realidade, é possível relacionar outros fatores estruturais da organização futebolística brasileira que fazem os atletas imigrarem para outros países. Ao relacionar a entrevista de dois atletas, o jogador 4³³ relata acerca de uma lesão que o afastou por cerca de seis meses do futebol, período em que ficou desamparado e sem receber salário, mesmo com contrato vigente. Em contrapartida, o jogador 3²⁷ relatou que, na chegada a um clube da Terceira Liga de Portugal, acabou se lesionando em um jogo-treino e, embora sem vínculo empregatício, foi assessorado pelo clube com o qual assinou acordo e recebeu seus vencimentos, mesmo em período de recuperação.

Baseados em Silva, Rigo e Freitas⁴⁴, mesmo que em um contexto específico, percebe-se que a realidade europeia se diferencia da brasileira ao demonstrar organização e gestão em divisões inferiores. Assim, facilitada devido ao processo de globalização, a imigração tornou-se uma alternativa para aqueles que buscam melhores condições de trabalho no futebol, já que uma minoria se encontra na realidade midiática exposta na figura dos clubes brasileiros de elite.

Damo⁵ refere-se a jogadores de futebol como “pés de obra”, e Rial⁴⁵ apropria-se desse termo ao relacioná-lo com a exportação de jogadores brasileiros para o exterior, que mesmo em segundas e terceiras ligas de países estrangeiros, encontram uma realidade socioeconômica mais satisfatória do que em território nacional. Essa ideia fica evidente na narrativa do jogador 1¹⁷, ao associar a conquista da casa própria a sua passagem pelos Emirados Árabes, retratando que, no Brasil, esse feito não seria possível.

Carreiras futebolísticas são caracterizadas pelo curto espaço de tempo e auge precoce^{5,46}. Se isso já afeta jogadores reconhecidos socialmente e com salários astronômicos, no caso de atletas desconhecidos e com baixa remuneração, isso é ainda pior, pois sequer conseguem economizar recursos para uma vida estabilizada no pós-carreira. Isso contribui para a imigração, pois, mesmo que em menores proporções, os atletas conseguem uma relativa estabilidade financeira devido à organização e às condições de trabalho no exterior⁴⁴.

Dessa maneira, a realidade do futebol nacional contribui com a imigração de atletas, mas não apenas pela questão salarial, visto que a falta de oportunidades também é um fator que leva jogadores a ligas inferiores de outros países. Por vezes, os atletas acabam até buscando o mercado internacional devido à dificuldade de encontrar emprego em outra área. Em alguns casos, na Europa, os atletas inclusive enfrentam dupla jornada ao trabalhar em uma fábrica durante o dia e treinar a noite^{5,12}.

Considerações Finais

Especificamente no Mato Grosso do Sul, a desvalorização dos atletas em formação, a falta de

investimento e estrutura das categorias de base são problemas recorrentes, que acabam levando os jovens a buscarem oportunidades em outros estados, demonstrando o despreparo dos clubes da região na captação e aproveitamento dos atletas locais nas equipes profissionais.

O processo de profissionalização é complexo e passa por relações promíscuas e corruptas na relação dos atletas com treinadores e dirigentes. Além disso, a concretização do sonho é um projeto familiar, que, com o início precoce, por vezes, separa os aspirantes a jogadores da família, necessitando adaptar a forma de vida, assumir responsabilidades no cotidiano e aprender a lidar com a ausência daqueles que dão segurança e suporte emocional.

A respeito da estrutura – outro fator relevante para a formação de jogadores –, percebe-se nas narrativas que o estado de Mato Grosso do Sul é precário, levando os atletas a buscarem oportunidades em outros locais. Ainda assim, sair da região não é garantia de acesso a condições que atendam à expectativa com relação ao desenvolvimento de jovens futebolistas, já que as narrativas apresentaram as dificuldades referentes à condição de transporte, moradia e alimentação desses indivíduos.

Na maioria das vezes, a profissionalização no futebol não vem acompanhada da mobilidade socioeconômica. Para os sujeitos desta pesquisa, as dificuldades não se encerram ao chegar na categoria profissional, já que a realidade salarial, contratual e de calendário são fatores que tornam a trajetória diferente do que ostenta a minoria dos atletas que atuam pelos clubes das Séries A e B do Campeonato Brasileiro.

A carreira curta e suas dificuldades podem levar os atletas a desistirem da trajetória ou buscar oportunidades no mercado internacional alternativo, já que, mesmo em segundas e terceiras ligas, os clubes do exterior oferecem melhores condições de trabalho, contrato, salário e calendário.

No Mato Grosso do Sul, a realidade por trás do sonho de ser jogador de futebol é permeada pela necessidade de deixar o estado, visto que as oportunidades são escassas – os clubes têm a cultura de valorizar futebolistas de fora da região – e, muitas vezes, não atendem às expectativas dos atletas. Inclusive, em alguns casos, esses indivíduos precisam buscar outras ocupações profissionais para sobreviver, retratando o caráter de emprego temporário, característico de um calendário incapaz de atender à necessidade de todos os clubes registrados na CBF.

Em certa medida, os relatos dos entrevistados nos permitiram compreender especificidades do futebol sul-mato-grossense, bem como analisar os percalços encontrados pelos atletas em sua trajetória. Percebeu-se também que a realidade da maioria dos jogadores de futebol foge ao senso comum, visto que a busca por oportunidades é constante em um mercado competitivo.

Compreende-se que a utilização de poucas entrevistas foi uma limitação do estudo, que impediu aprofundar e generalizar as questões tratadas, mesmo pensando nas especificidades que dizem respeito aos atletas oriundos do estado de Mato Grosso do Sul. Sugere-se que novas pesquisas possam dar continuidade às investigações desse futebol invisibilizado, colaborando para a compreensão de um fenômeno social relevante na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

1. CAVALCANTI EA, CAPRARO AM. Heroísmo, mídia e o Sport Club Corinthians Paulista: um estudo de caso acerca da final da Libertadores 2012 na Folha de S. Paulo. Rev. bras. educ. fís. esporte, 2013; 27: 613-622.
2. RODRIGUES MC, HUNGER MS, DELBIM LR, MARTELLI A. O futebol como uma modalidade esportiva popular no Brasil e as lesões mais incidentes nessa prática. Revista Saúde em Foco, 2015; 2: 14-28.
3. MARQUES MP, SAMULSKI DM. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto socio-familiar e planejamento da carreira. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, 2009; 23: 103-19.
4. CAVALCANTI, EA, CAPRARO, AM, SILVA, MM. Memories of Brazilian soccer players: between the profession of athlete and life outside of sport. Staps, vol., no. 0, 2024. (Pub. anticipées), DOI: 10.3917/sta.pr1.0076. URL: <https://www.cairn.info/revue-staps-2024-0-page-I76.htm>
5. DAMO AS. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França [Tese]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; 2005.
6. DAMO AS. Dom, amor e dinheiro no futebol espetáculo. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2008; 23: 139-150.
7. KUPPER, A. Futebol: A importância da mídia na popularização e no imaginário do brasileiro. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, 2019; v.11. n.43. p. 291-300.
8. CAVALCANTI EA, OLIVEIRA VM, SOUZA J, CAPRARO AM. Poder e corrupção no futebol: memórias acerca da relação atleta-treinador sob o ponto de vista de futebolistas paranaenses. Revista de História Regional, 2020; 25: 103-122.
9. FERREIRA MM, AMADO J. (org.). Usos e abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Fgv; 2006.
10. ALBERTI V. O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral. Rio de Janeiro: CPDOC; 2003.
11. CAVALCANTI EA, CAPRARO AM. Experiências indesejáveis: alguns casos de assédio sexual no futebol. Movimento, 2019; 25: 02-12.
12. CAVALCANTI EA. “Nem tudo que reluz é ouro” : histórias de jogadores de futebol [Tese]. Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná, Departamento de Educação Física; 2017.
13. SOARES AJG, MELO LBS, COSTA FR, BARTHOLO TL, BENTO JO. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2011; 33: 905-921.
14. ROCHA HPA, BARTHOLO TL, MELO LBS, SOARES AJG. Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. Motriz, 2011; 17: 252-263.

- 15 CAVALCANTI EA, CAPRARO AM, CAVICHIOILLI FR. “Quero ser jogador de futebol”: memórias sobre a formação nas categorias de base. *Esporte e Sociedade*, 2022; a.15 n. 36: 1-21.
16. DE SOUZA IS, DE OLIVEIRA MA, MARQUES RFR. Entre futebol e escola: uma análise bourdieusiana sobre dupla carreira no Brasil. *Educ. Soc.*, 2023; v. 44, 1-18.
17. JOGADOR 1 (2021).
18. BRUNER J. Fabricando histórias: Direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e Voz; 2014.
19. ALMEIDA NETO H. SANTOS ER. O preço da bola: processo de formação de crianças do Sport Club Internacional no contexto do futebol em rede. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 2017; v. 14, n. 34: 64 – 82.
20. LOPES RS, SALGUEIROSA F. Futebol de campo: motivos que levam os atletas a desistirem da carreira profissional [Trabalho de Conclusão de Curso]. Curitiba (PR): Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná, Curso de Educação Física; 2016.
21. JOGADOR 2 (2021).
22. MARQUES MP. Análise da transição da carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional [Dissertação]. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional; 2008.
23. BURLOT F, RICHARD R, JONCHERAY H. The life of high-level athletes: The challenge of high performance against the time constraint. *International Review for the Sociology of Sport*, 2018; 53(2), 234-249.
24. BARA FILHO MG, GARCIA FG. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 2008; 22: 293-300.
25. AMARAL PRT, THIENGO CR, OLIVEIRA FIS. Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira de jogador profissional. *Efdeportes*, 2021; 12: 1-1.
26. SALOMÃO RL, OTTONI GP, BARREIRA CRA. Atletas de base de futebol: a experiência de viver em alojamento. *Psico-USF*, 2014; 19: 443-455.
27. JOGADOR 3, 2021.
28. HOWIEA L, ALLISON W. The English Football Association Charter for Quality: the development of junior and youth grassroots football in England. *Soccer & Society*, 2016; 17: 800–809.
29. LIMA MP, PAOLI PB. Aspectos a serem considerados no processo de Formação de Base de futebol de 11 a 14 anos. *Rev. Bras. Futebol*, 2017; 08: 12-23.
30. CAVICHIOILLI FR. O processo de formação de jovens atletas no futebol: em Portugal e no Brasil. In: Carlos Eduardo de Barros Gonçalves. (Org.). *Educação pelo desporto e associativismo desportivo: uma ligação necessária*. 1ed.; Santa Maria da Feira: Rainho & Neves Ltda; 2013. p. 43-83.
31. ELIAS N. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70; 2011.
32. ESSON J. A body and a dream at a vital conjuncture: Ghanaian youth, uncertainty and the allure of football. *Geoforum*, 2013; 47: 84-92.

33. JOGADOR 4, 2021.
34. PORTELLI A. Ensaios de história oral. São Paulo: Letra e Voz; 2010.
35. CLAUSSEN D. Sobre a estupidez no futebol. *Análise Social*, 2006; XLI: 583-592.
36. LEONCINI MP. Entendendo o negócio futebol: um estudo sobre a transformação do modelo de gestão estratégica nos clubes de futebol [Tese]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Escola Politécnica; 2001.
37. CBF. Relatório Impacto do Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro; 2019.
38. JOGADOR 5, 2021.
39. AGERGAARD S, SORENSEN JK. The dream of social mobility: ethnic minority players in Danish football clubs, *Soccer & Society*, 2009; 10: 766-780.
40. GONZÁLEZ FJ, BORGES RM, SFALCIN A. O sonho acabou! Abandono da carreira esportiva de atletas profissionais de futebol. *Corpoconsciência*, 2016; 19: 11-21.
41. SOARES AJG, ROCHA HPA, BARTHOLO TL, MELO LBS. Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. *Motriz. Revista de Educação Física Unesp*, 2011; 17: 252-263.
42. ANGELO LF. Gestão da carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol [Tese]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte; 2014.
43. HALBWACHS M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro; 2013.
44. SILVA DV, RIGO LC, FREITAS GS. Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol. *Revista da Educação Física / Uem*, 2012; 23: 457-468.
45. RIAL C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, 2008; 14: 21-65.
46. COSTA RMML. E depois de pendurar as chuteiras? Percursos Profissionais e Acadêmicos Pós Carreira em Jogadores de Futebol Profissional Portugueses [Dissertação]. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Economia; 2017.